



## JORNALISTAS E CIENTISTAS NA UNIVERSIDADE: A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO ESPAÇO (COM)PARTILHADO<sup>1</sup>

Carolina Abbadia Melo<sup>2</sup>

Magno Luiz Medeiro da Silva<sup>3</sup>

**RESUMO:** O artigo discute o potencial da cooperação entre jornalistas e cientistas na produção de conteúdo voltado à divulgação científica em veículos digitais das universidades públicas. Com uma abordagem qualitativa e quantitativa, a pesquisa analisa o processo de produção do Jornal UFG, com ênfase na dinâmica de interação entre esses atores sociais e nos impactos da divulgação das pesquisas. O estudo de caso combina o relato de experiência da autora, a pesquisa documental e a análise de conteúdo, em diálogo com as reflexões teóricas sobre jornalismo científico. Observou-se que, embora a literatura destaque os aspectos de divergência entre jornalistas e cientistas, a parceria entre eles pode ser sistematizada na rotina produtiva do jornalismo na universidade, mostrando-se promissora para ampliar o acesso público às pesquisas brasileiras.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Divulgação científica. Jornalismo científico. Universidade. Jornalistas. Cientistas*

**ABSTRACT:** The article discusses the potential of cooperation between journalists and scientists in producing content aimed at science communication in the digital media of public universities. Using both qualitative and quantitative approaches, the research analyzes the production process of Jornal UFG, emphasizing the dynamics of interaction between these social actors and the impacts of research dissemination. The case study combines the author's experience report, documentary research, and content analysis, in dialogue with theoretical reflections on science journalism. The study found that, although the literature often highlights divergences between journalists and scientists, their partnership can be systematized within the university journalism routine, proving to be a promising way to expand public access to Brazilian research.

**KEYWORDS:** *Science communication. Science journalism. University. Journalists. Scientists*

<sup>1</sup> Este artigo constitui uma versão ampliada e revisada do trabalho com abordagem descritiva e quantitativa apresentado no 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. A presente versão avança ao adotar uma perspectiva qualitativa, incorporando elementos inéditos e complementares.

<sup>2</sup> Jornalista da Secretaria de Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG), doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM/UFG). E-mail: carolina.melo@ufg.br .

<sup>3</sup> Pós-doutor pela Universidade de Brasília (UnB), professor titular da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (FIC/UFG) e dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM/UFG) e em Direitos Humanos (PPGDH/UFG). E-mail: magno@ufg.br .

## Introdução

O acesso aberto e democrático das informações, dados de pesquisas e inovações tecnológicas norteia o debate mais atual sobre a ciência aberta, que também direciona a atenção ao incentivo à participação cidadã qualificada na construção do conhecimento. Tais premissas miram no desenvolvimento e no aprimoramento das descobertas e saberes científicos, e reforçam o papel estratégico da divulgação científica - tanto na promoção da visibilidade das pesquisas, quanto na popularização da ciência e letramento científico (Pereira, 2022; Packer, Santos, 2019; Rezende, Drummond, 2023).

Ao transitar “fora dos canais tradicionais da comunicação científica”, ou seja, daqueles direcionados à troca informativa entre especialistas, a divulgação científica “pode ou não ser produzida pelos pesquisadores ou cientistas” e visa garantir o acesso ao conhecimento a “seu público principal: o cidadão comum, o não especialista” (Bueno, 2018, p. 57). Sua prática tem ganhado crescente reconhecimento pelas políticas públicas nacionais e diretrizes acadêmicas, como evidenciado pelas novas regras de avaliação e classificação dos periódicos e artigos científicos do Brasil, estabelecidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) do Ministério da Educação (MEC) (Brasil, 2025; Salomão; Santos, 2025).

Com a nova abordagem da avaliação científica proposta pela Capes para o quadriênio 2025-2028, o diálogo entre a ciência e a sociedade ganha destaque, por meio de métricas que valorizam a visibilidade, o engajamento e a acessibilidade do conhecimento para além dos círculos acadêmicos. Nesse cenário, além de indicadores tradicionais, como a média de citações e o fator de impacto convencional, a altimetria (*altmetrics*) é incorporada como um instrumento complementar para mensurar o impacto social das publicações científicas. Isso implica que será levado em conta também o alcance dos artigos científicos em redes sociais, como *Twitter* e *Facebook*, e em plataformas digitais, como *blogs* e jornais digitais. As novas diretrizes, portanto,

conferem protagonismo às estratégias de divulgação científica, entre elas, o jornalismo científico digital (Brasil, 2025; Salomão; Santos, 2025).

O jornalismo científico se caracteriza pela confluência entre os gêneros discursivos científico e jornalístico. Trata-se de uma atividade que adota os princípios do jornalismo tradicional, mas com foco em temas complexos relacionados à ciência e à tecnologia. Sua linguagem é adaptada para tornar o conteúdo compreensível ao público geral, sem perder o rigor necessário para atender também ao público especialista (Bertolli Filho, 2006; Caldas, 2011).

Potenciais aliados dos cientistas e centros de pesquisa, o jornalismo emprega a sua linguagem com o objetivo de transmitir dados e informações sobre pesquisas e tecnologias tendo como preocupação fundante a acessibilidade ampliada do conteúdo informativo por meio do tratamento objetivo, simples e claro dos dados, (Traquina, 2012).

Considerando que, na sociedade brasileira, a grande parte dos centros de pesquisa está localizada dentro das universidades públicas, atenta-se para o potencial do jornalismo científico produzido pelos servidores públicos dessas instituições. Neste sentido, busca-se compreender a dinâmica de interação entre jornalistas e cientistas no contexto universitário, analisando, a partir do Jornal UFG, da Universidade Federal de Goiás, como essa relação se estabelece ao longo do processo de produção jornalística e quais são seus impactos na divulgação científica e no acesso público às pesquisas.

### **Relação entre jornalistas e cientistas**

Estudos acadêmicos na área do jornalismo científico têm ilustrado sistematicamente as divergências de perspectivas entre jornalistas e cientistas sobre o processo de produção do conteúdo jornalístico. As divergências são apontadas como um obstáculo para a prática jornalística e a divulgação científica. Os principais aspectos de

tensão incluem a disparidade entre as linguagens dos dois campos de conhecimento - ciência e jornalismo; a discordância quanto à abordagem e ao aprofundamento, ou seja, ao enquadramento das informações; a precisão; e as relações comunicativas marcadas pela desconfiança entre jornalistas e fontes especialistas (Melo; Medeiros, 2024).

Embora a literatura acadêmica no Brasil, incluindo a tese pioneira de Wilson da Costa Bueno (1984), tenha enfatizado o cenário de conflitos entre jornalistas e cientistas, a comprovação empírica do fenômeno ainda é limitada (Melo; Medeiros, 2024). Em sua tese, Bueno (1984) observou que o tema estava presente em reuniões e congressos da área e ilustrava um panorama em que cientistas acusavam jornalistas de superficialidade e sensacionalismo, e jornalistas retrucavam com críticas ao hermetismo e à prepotência dos cientistas. Contudo, o autor também ponderou que as divergências “não se situam nos aspectos mais gerais e mais relevantes: resumem-se a detalhes operacionais”, e que ambos os profissionais compartilham lutas comuns ao estarem “submetidos ao jugo do poder econômico e do poder político” (Bueno, 1983, p.41-42). Apesar disso, a literatura posterior privilegiou a ênfase nas divergências mais do que nas convergências (Melo; Medeiros, 2024).

71

Um levantamento realizado em 2024 na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) identificou que de 155 pesquisas mapeadas sobre jornalismo científico no Brasil, apenas cinco - todas elas dissertações - propuseram discutir o relacionamento entre cientistas e jornalistas. Quatro delas abordaram exclusivamente a percepção dos cientistas, e apenas uma incluiu a perspectiva dos jornalistas. As investigações se limitam a analisar as percepções dos próprios atores sociais, sem avançar na análise empírica de como as relações entre os sujeitos se manifestam no processo de produção do conteúdo jornalístico (Melo; Medeiros, 2024).

Enquanto há cientistas e pesquisadores, em sua maioria servidores públicos das universidades brasileiras, que enfrentam dificuldade para transferir as suas reflexões e descobertas científicas para uma linguagem acessível - ao mesmo tempo em que são cobrados a fazê-lo -, há jornalistas, também servidores públicos dessas mesmas universidades, que podem contribuir com as ações de divulgação científica. Nesse sentido, entender como se dá o relacionamento entre esses sujeitos no espaço compartilhado da universidade, assim como o potencial de uma parceria sistematizada entre eles para a produção da divulgação científica no Brasil são interesses deste estudo.

### **Jornalismo profissional na universidade**

O jornalismo exercido nas universidades brasileiras tem uma relação intrínseca à gestão da Comunicação das instituições que cumprem um papel fundamental à formação cidadã do país, promovendo educação, qualificação profissional, cultura e o avanço da ciência. A atuação das universidades ocorre por meio da integração entre ensino, pesquisa e extensão e a prática do jornalismo nesse ambiente, necessariamente, dialoga com o papel das instituições de ensino superior e sua tríade (Kunsch, 1982; Caetano *et al.*, 2021).

72

A produção jornalística na universidade ganhou destaque durante a pandemia de covid-19, ao atuar como mediadora entre as pesquisas acadêmicas e a sociedade. Observou-se que a própria mídia tradicional recorreu a esses veículos que deram visibilidade às descobertas voltadas ao enfrentamento da crise sanitária global (Tôzo, 2024).

De acordo com Carla Tôzo, o jornalismo realizado nas universidades preenche “lacunas deixadas pela grande mídia” ao mesmo tempo em que contribui para a valorização da universidade e da ciência. A autora pesquisou a produção dos jornais vinculados às instituições de ensino durante a pandemia (Tôzo, 2024, p. 273):

Quando se observa que a atuação do jornalismo nas universidades brasileiras contribui para o fortalecimento da divulgação científica nacional, evidencia-se o seu potencial para a democratização do acesso às informações sobre pesquisas, estudos e cientistas presentes em todo o território nacional. Isso porque as universidades - e, consequentemente, os centros de pesquisa e os pesquisadores - estão distribuídas nas cinco regiões brasileiras, inclusive no interior, e não somente na região sudeste que geralmente ganha maior visibilidade nos veículos de comunicação tradicionais.

### **Jornais digitais**

Ainda que a produção jornalística nas universidades se manifeste nas mais diversas mídias, tais como rádios, TVs e revistas, o foco deste estudo recai sobre a produção dos jornais digitais, com espaços próprios na *web*. São espaços virtuais que têm a capacidade de romper a bolha acadêmica e alcançar a sociedade de múltiplas formas: seja por meio das buscas orgânicas realizadas pelo leitor em sites de pesquisas; seja por meio de estratégias de divulgação nas redes sociais dos próprios veículos; ou mesmo por meio de um contato mediado para trocas informativas com a mídia tradicional local e nacional.

73

Entre os jornais mais conhecidos estão o Jornal da USP, da Universidade de São Paulo (USP); o Jornal da Unicamp, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), ambas instituições localizadas na região Sudeste; o Jornal Beira do Rio, da Universidade Federal do Pará (UFPA), na região Norte; o Jornal da Universidade (JU), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na região Sul, e o Jornal UFG, da Universidade Federal de Goiás (UFG), na região Centro-Oeste. Todos esses veículos digitais atuantes no processo de divulgação científica por meio do jornalismo científico (Tôzo, 2024; Ewerton; Cardoso, 2021).

Por meio da leitura desses jornais vinculados às instituições públicas federais ou estaduais de ensino superior é possível acompanhar o andamento de pesquisas, descobertas e estudos científicos e também conhecer quem vem produzindo Ciência no Brasil, ou seja, quem são os cientistas brasileiros.

Na produção jornalística da universidade sobre ciência, um aspecto que se destaca é o contato facilitado entre jornalistas e fontes, ou seja, entre cientistas e jornalistas, uma vez que ambos compartilham o mesmo espaço profissional: o ambiente acadêmico. O relacionamento entre esses sujeitos sociais, portanto, tende a ser diferente daquele estabelecido no espaço da imprensa tradicional e este fenômeno tende a contribuir para o processo da divulgação científica criteriosa e, ao mesmo tempo, acessível, quando alia o rigor próprio da ciência e da análise do cientista e a linguagem jornalística e a expertise do jornalista.

#### **Um caso em específico: o Jornal UFG**

74

O Jornal UFG é um veículo vinculado à Universidade Federal de Goiás (UFG) e criado em 2006 durante a reestruturação da então Assessoria de Comunicação (Ascom) - atual Secretaria de Comunicação (Secom). Lançado em formato impresso, o periódico surgiu em um contexto de expansão da universidade, marcado pela interiorização, com a consolidação dos *campi* nos municípios de Catalão e Jataí (Neves *et al.*, 2022).

Inicialmente, o impresso apresentava uma linha editorial híbrida, ou seja, ainda que o conteúdo institucional e de serviço - divulgação de eventos, cursos, notícias da gestão superior da universidade - fosse predominante, refletindo a função típica de um veículo de assessoria de comunicação, o jornal direcionava um tímido espaço para a divulgação científica (Neves *et al.*, 2022).

A presença digital do Jornal UFG teve início em 2010, com a criação de um *site* que complementava a versão impressa. O jornal passou a incorporar seções exclusivas

para a plataforma *online*, como *Twittadas* e *Como Assim?*, esta última voltada para curiosidades científicas. Apesar de marcar uma fase de maior diversidade de conteúdo, a produção de caráter institucional - ou seja, vinculada à gestão superior - ainda era preponderante (Neves *et al.*, 2022).

O olhar mais voltado para a divulgação científica no Jornal UFG foi impulsionado com a implantação, na então Ascom, do Projeto Visibilidade em 2015, com vistas a ampliar a presença da universidade na mídia. A iniciativa incluía planejamento estratégico, monitoramento de resultados e incentivo à produção de pautas jornalísticas com viés científico. Nesse mesmo ano, o jornal passou por uma reformulação gráfica e o conteúdo sobre ciência passou a receber maior atenção editorial (Neves *et al.*, 2022).

A transição para o formato digital ocorreu no final de 2018, quando o jornal extinguiu a versão impressa e migrou exclusivamente para o meio *online*, adotando as publicações em fluxo contínuo, organizadas em seis editorias: Ciências Naturais; Tecnologia; Saúde; Humanidades, Arte e Cultura, Institucional.. O marco consolidou o veículo como um canal prioritário de divulgação científica (Neves *et al.*, 2022).

A dinâmica de interação entre jornalistas e cientistas ao longo do processo de produção do Jornal UFG, assim como os impactos de sua produção na divulgação de pesquisas para o amplo acesso público, é o interesse deste estudo. A partir de uma abordagem qualitativa e quantitativa, optou-se pelo estudo de caso que combinou o relato de experiência da autora - jornalista e servidora pública de universidade pública; a pesquisa documental; e a análise de conteúdo.

O estudo de caso é especialmente apropriado para pesquisas que buscam compreender práticas contemporâneas em contextos empíricos, sendo um método adequado quando o fenômeno investigado está intimamente inserido em seu ambiente



real. Trata-se de uma estratégia que possibilita a observação da realidade social e a descrição dos fenômenos específicos (Yin, 2001; Duarte, 2005)

O relato de experiência foi utilizado como instrumento de coleta de dados, pois permitiu a exposição crítica da prática profissional. O relato se caracteriza pelo registro de vivências com o objetivo de transformar a “experiência próxima”, relativa ao cotidiano, em “experiência distante”, “empregada de maneira intencional para a compreensão, crítica e reflexão diante dos acontecimentos, ou seja, constituição analítica do conhecimento” (Mussi *et al.*, 2021, p. 64).

Essa modalidade de relato compartilha e reflete criticamente sobre uma vivência ou intervenção já realizada, transformando essa experiência em conhecimento sistematizado e divulgável. Para tanto, “descreve fenômenos a partir de possíveis estabelecimentos de relações das ações” e deve ser apresentado a partir de uma perspectiva acadêmica, com coerência, consistência e objetivação, focando na reflexão crítica da experiência (Mussi *et al.*, 2021, p.71).

76

A pesquisa documental, realizada por meio de documentos - escritos ou não - denominados de fontes primárias - foi empregada para fazer o levantamento das notícias e reportagens sobre pesquisas desenvolvidas na universidade e publicadas no Jornal UFG entre os meses de janeiro e maio de 2025. No mesmo período, também foram analisadas matérias jornalísticas sobre a mesma temática - pesquisas da UFG - divulgadas pela imprensa tradicional. Este último levantamento foi possível por meio da análise do *clipping* da Secretaria de Comunicação da UFG, disponível em seu *site* institucional. Por fim, a análise de conteúdo forneceu base para organizar e sistematizar as informações, e identificar padrões (Lakatos; Marconi, 2003; Yin, 2001)

### **Dinâmica de interação e produção da divulgação científica**

A produção do conteúdo jornalístico de divulgação científica do Jornal UFG é dependente da cooperação entre jornalistas e cientistas ao longo de todas as etapas da rotina produtiva, desde a manifestação da pauta até a publicização da matéria jornalística. Com a linha editorial “voltada exclusivamente para a divulgação científica”, conforme a apresentação do veículo digital, em seu *site*, o seu espaço é dedicado a publicizar principalmente as pesquisas, estudos científicos, rotinas acadêmicas, de laboratórios e dos pesquisadores no âmbito da universidade.

Quando se trata da divulgação de pesquisas científicas, ela só é concretizada pelo veículo digital após a aprovação e o referendo dos estudos por pares, seja em bancas examinadoras de dissertações e teses, seja por meio da publicação em revistas científicas conceituadas. Portanto, as escolhas das pautas dependem deste requisito: os estudos devem ter passado por um processo de arguição por meio de bancas avaliadoras.

A cooperação entre jornalistas e cientistas se manifesta na elaboração das pautas, na apuração da informação, na produção do texto e na divulgação da notícia. No caso das pautas, elas chegam à redação do jornal por meio dos próprios pesquisadores e também pelas buscas realizadas pelos jornalistas. O processo de apuração se baseia essencialmente nas trocas informativas estabelecidas entre jornalistas e cientistas. Ainda que haja espaço para ouvir outras fontes, geralmente os pesquisadores responsáveis pelo estudo científico são as fontes principais e, por vezes, as únicas fontes.

Após a finalização da escrita do texto jornalístico, sua publicação depende da aprovação prévia do texto pelo cientista. Embora a matéria jornalística seja apreciada de antemão pelo pesquisador, o jornalista tem a autonomia sobre a decisão da versão final que será publicada no Jornal UFG. A troca é estabelecida como um procedimento para se evitar a publicação de interpretações e dados equivocados do estudo científico.

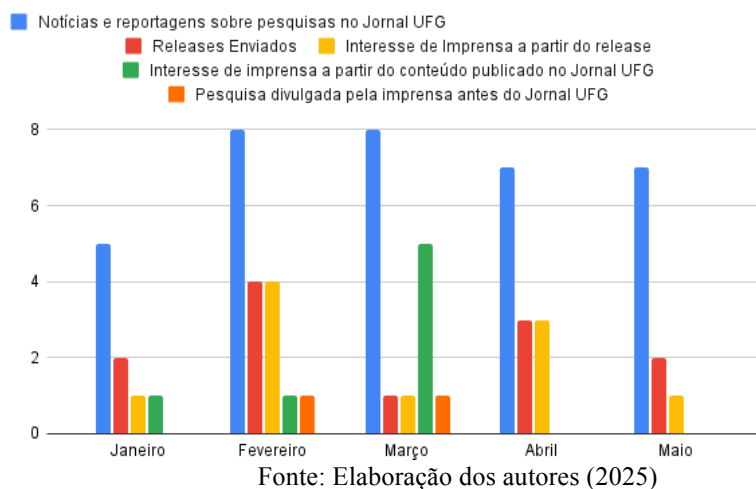
Desde o primeiro contato, o pesquisador é informado de que o produto jornalístico será publicado no Jornal UFG, podendo também seu texto ser adaptado para o envio de um release para a mídia tradicional. O objetivo é ampliar o alcance da matéria sobre ciência por meio da imprensa, com a mediação da Secretaria de Comunicação da universidade, que atua como ponte entre os pesquisadores e os veículos de comunicação, sempre que houver interesse. Portanto, algumas reportagens também são disseminadas externamente pela Secom, por meio de releases.

A parceria entre jornalistas e cientistas - neste caso, ambos servidores públicos das universidades brasileiras - no processo de produção do jornalismo científico para o ambiente digital é estruturada na rotina produtiva. Chama a atenção o fato de essa colaboração ter se consolidado mesmo diante da limitação de recursos humanos. Desde o início do ano de 2025, por exemplo, a equipe do Jornal UFG é composta por dois jornalistas servidores públicos, que acumulam as funções de edição e produção, e quatro estagiários, que se dividem entre as demandas do jornal e da assessoria da Secom UFG.

### **Pesquisas divulgadas**

Tendo em vista identificar o alcance da divulgação científica, foram analisadas quantitativamente as matérias jornalísticas publicadas pelo Jornal UFG entre os meses de janeiro e maio de 2025 sobre pesquisas realizadas pela Universidade Federal de Goiás. Também se fez um comparativo com as notícias que tiveram repercussão na imprensa regional e/ou nacional, seja a partir da publicação no Jornal UFG ou de releases enviados pela Secom UFG, seja a partir da produção própria da imprensa.

**Tabela 1: Pesquisas da UFG divulgadas**

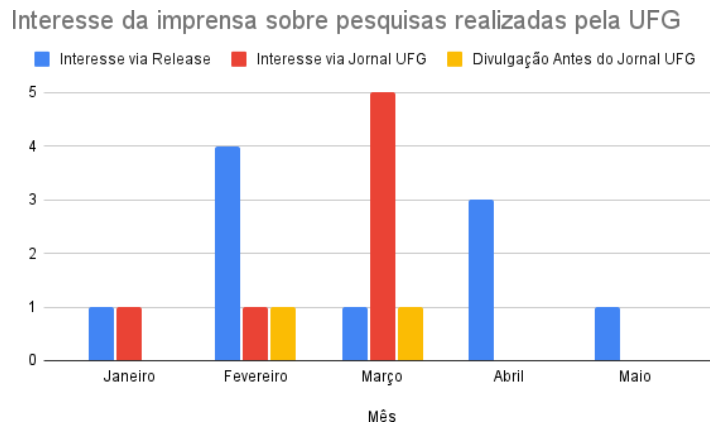


De acordo com os dados levantados, verificou-se que o número de notícias sobre ciência divulgadas pelo veículo digital da universidade se manteve relativamente constante, com uma média de sete publicações mensais. O pico de produção ocorreu em fevereiro e março, com oito matérias jornalísticas divulgadas em cada um desses meses. Por sua vez, o mês de janeiro foi que o divulgou menos, ou seja, cinco notícias.

79

Nem todas as matérias sobre pesquisas publicadas no Jornal foram transformadas em releases distribuídos pela Secretaria de Comunicação. A proporção de matérias convertidas em releases por mês foi a seguinte: fevereiro (4 de 8); abril (3 de 7); janeiro (2 de 5); maio (2 de 7); e março (1 de 8). O mês de fevereiro teve o melhor aproveitamento: maior número de releases enviados - quatro - e todos eles foram repercutidos ao menos uma vez por algum veículo da mídia tradicional.

**Tabela 2: Interesse de imprensa**

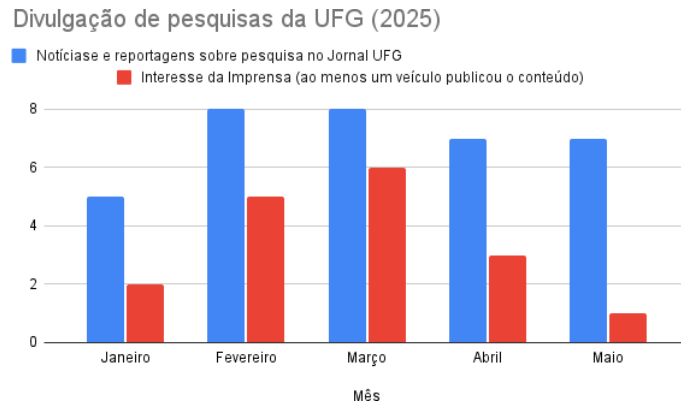


Fonte: Elaboração dos autores (2025)

O Jornal UFG serviu como fonte de informação primária para a imprensa nos meses de janeiro, fevereiro e março. O conteúdo publicado no mês de março, em especial, gerou o maior número de repercussões espontâneas: cinco notícias sobre ciência publicadas no jornal digital da universidade, sem envio prévio ou posterior de release, foram retratadas ao menos uma vez por algum veículo externo à UFG. Nos meses de janeiro e fevereiro houve interesse espontâneo da imprensa em relação a pelo menos uma matéria sobre ciência publicada a cada mês no Jornal UFG. Já em abril e maio não houve repercussão espontânea, o que pode indicar menor apelo dos conteúdos segundo os critérios editoriais dos veículos comerciais. Em fevereiro e março, um estudo científico realizado pela UFG foi divulgado em cada mês pela imprensa antes mesmo do Jornal UFG.

Interessante observar o papel desempenhado pelo jornal da universidade no campo da divulgação científica, quando publiciza pesquisas que não geram o interesse da imprensa tradicional: o canal da universidade acaba suprimindo as ausências deixadas pelos grandes veículos de comunicação, fenômeno também observado por Tôzo (2024).

**Tabela 3: Divulgação**



Fonte: elaboração dos autores (2025)

Outro aspecto igualmente relevante é o fato de o conteúdo sobre ciência divulgado pelo Jornal UFG diversificar as áreas de conhecimento que geralmente ganham destaque por meio do jornalismo científico. A partir do levantamento, foi possível identificar, por exemplo, que pesquisas realizadas na Faculdade de Artes Visuais (FAV/UFG) obtiveram o mesmo destaque em termos quantitativos do que as pesquisas realizadas no Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública (IPTSP/UFG).

81

**Figura 1: Unidades acadêmicas e órgãos mais retratados pelas notícias de ciência no Jornal UFG**



Fonte: elaboração dos autores com o auxílio do TagCrowd (2025)

Com base nos dados, visualiza-se que a Escola de Música e Artes Cênicas (Emac), a Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) e o Instituto de Estudos Socioambientais (Iesa) ganharam o mesmo destaque no Jornal UFG do que a Faculdade de Farmácia (FF), Faculdade de Medicina (FM) e do Instituto de Ciências Biológicas (ICB).

## Considerações

Os cientistas de universidades ou de institutos públicos de pesquisa e os jornalistas estão entre as fontes que mais inspiram a confiança da população brasileira, de acordo com a sexta edição da pesquisa sobre “Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil”<sup>4</sup>, que teve o ano de 2023 como referência e foi realizada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE). De acordo com os dados, as três primeiras fontes mais confiáveis, de acordo com a sociedade, são os médicos (26,2%), seguidos pelos jornalistas (25,3%) e pelos cientistas vinculados às instituições públicas (12,9%). Foram entrevistadas 1.931 pessoas acima de 16 anos, de todas as regiões do País.

Considerando que são as fontes de maior credibilidade na sociedade, é relevante analisar as possibilidades de cooperação entre esses atores sociais quando compartilham e partilham o mesmo ambiente profissional, ou seja, a universidade pública brasileira. Tendo como objeto de análise o Jornal UFG, da Universidade Federal de Goiás, direcionou-se a entender como se manifesta o relacionamento entre jornalistas e cientistas, ambos servidores públicos, na produção da divulgação científica. E se levou em conta, também, os impactos dessa parceria, quando é estruturada e sistematizada por meio da rotina produtiva do jornalismo científico,

A abordagem inova sobretudo quando confrontada com a literatura acadêmica sobre jornalismo científico que, desde a década de 1980, enfatiza predominantemente os aspectos de conflito e distanciamento entre cientistas e jornalistas, mesmo com a inexistência de estudos que analisem como de fato se estabelece essa relação.

Conforme se observou em levantamento realizado no ano de 2024, as pesquisas que se propõem a pensar o jornalismo científico brasileiro - depositadas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, nacional, e identificadas por meio dos descritores “jornalistas” “cientistas” -, ainda carecem de abordagens empíricas que explorem como se estabelece, na prática, a relação entre jornalistas e cientistas, reproduzindo, assim, compreensões já consolidadas pela literatura (Melo; Medeiros, 2024).

---

<sup>4</sup> Dados acessíveis e divulgados via portal <https://percepcao.cgee.org.br/home>.

Um olhar diferenciado sobre o fenômeno é proposto quando a análise se volta para o relacionamento entre jornalistas e cientistas que ocupam o mesmo local de trabalho. Conforme observa Ivanissevich (2005), eventuais atritos ocorrem devido ao fato de cientistas e jornalistas viverem “mundos diferentes, com regras próprias e objetivos díspares”. Mas e quando compartilham e partilham o mesmo ambiente, ainda que suas práticas se diferenciem em relação aos objetivos profissionais? Neste caso em específico, ambos estão situados e adaptados à cultura acadêmica preenchida pela pesquisa, pelo ensino e pela extensão.

O que se observa é a viabilidade das parcerias entre os atores sociais serem sistematizadas na rotina do trabalho jornalístico de forma promissora para a divulgação científica. Conforme se observou, mesmo com a equipe reduzida do Jornal UFG - com apenas dois jornalistas servidores públicos -, o veículo conseguiu divulgar em cinco meses um total de 35 pesquisas realizadas pela universidade.

No entanto, algumas reflexões críticas sobre o relacionamento entre jornalistas e cientistas da universidade devem ser consideradas. Por exemplo, quando o processo de apuração do jornalista no ambiente acadêmico se restringe predominantemente às trocas informativas com os cientistas, autores da pesquisa acadêmica, destaca-se o risco de uma abordagem deficiente nos termos do jornalismo científico. Assim como destaca Graça Caldas, o jornalista deve ter uma postura de investigador sem “estender o tapete vermelho para o cientista” (Tôzo, 2024, p.65) . Mas, isso é possível quando o jornalista tem vínculo institucional com a universidade? Ou seja, ainda que se observa os benefícios da aproximação entre jornalistas e cientistas no ambiente acadêmico para a divulgação científica, é necessário um maior aprofundamento sobre os contextos complexos que norteiam a prática desses sujeitos no espaço institucional tendo como foco de análise as boas práticas do jornalismo científico.



## Referências

- BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). *Diretrizes comuns da avaliação de permanência dos programas de pós-graduação stricto sensu: ciclo avaliativo 2025–2028: avaliação quadrienal 2029*. Brasília: CAPES, 2025. 79 p. Disponível em: [https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/avaliacao/19052025\\_20250502\\_DocumentoReferencial\\_FICHA.pdf](https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/avaliacao/19052025_20250502_DocumentoReferencial_FICHA.pdf). Acesso em: julho 2025.
- BUENO, W. da C. A divulgação científica no universo digital: o protagonismo dos portais, blogs e mídias sociais. In: PORTO, C.; OLIVEIRA, K. E., ROSA, F. *Produção e difusão de ciência na cibercultura: narrativas em múltiplos olhares*. Ilhéus, BA: Editus, 2018.
- CAETANO, Eduardo Ferreira da Silva; CAMPOS, Ivete Maria Barbosa Madeira; CAVALCANTI, Vilma Pereira. A Captação de Recursos Próprios pelas Universidades Públicas Federais: autonomia ou mercantilização? *FINEDUCA - Revista de Financiamento da Educação*, [S. l.], v. 11, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/fineduca/article/view/114022>. Acesso em: 8 out. 2025.
- CALDAS, G. Mídia e políticas públicas para a comunicação da ciência. In: PORTO, C.M.; BROTAS, A. M. P.; BORTOLIERO, S. T. (Org.). *Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas* [online]. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 19-36. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/y7fvr/pdf/porto-9788523211813-02.pdf>. Acesso: 8 out. 2025.
- CARDOSO, Everton; EWALD, Felipe. Jornal da Universidade (UFRGS): estratégias para valorizar a academia e a ciência durante a pandemia. In: GERALDES, Elen et al. *Comunicação e ciência na era covid-19*. São Paulo: Intercom, 2021. p. 178-185. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/uploads/wysiwyg/comunicacao-e-ciencia-na-era-covid-19.pdf>. Acesso: 8 out. 2025.
- FREITAS, W. R S., JABBOUR, C. J C. Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. *Revista Estudo & Debate* v.18, n.2, 2011. Disponível em: <https://www.univates.br/revistas/index.php/estudoedebate/article/view/560>. Acesso: 14 fev. 2025.
- IVANISSEVICH, Alicia Maria. A mídia como intérprete: como popularizar a ciência com responsabilidade e sem sensacionalismo. In: BOAS, Sergio Vilas (org). *Formação & Informação científica: jornalismo para iniciados e leigos*. São Paulo: Summus Editorial, 2005.
- KUNSCH, Margarida Maria Krohling. *Universidade e comunicação na edificação da sociedade*. São Paulo: Loyola, 1982

MELO, C. A.; MEDEIROS, M. Divergências entre jornalistas e cientistas na prática do jornalismo científico: uma proposta de pesquisa empírica. *In: Seminário Internacional de Mídia, Cultura, Cidadania e Informação (SEMIC)*, 18., 2024, Goiânia. *Anais [...]*. Goiânia: PPGCOM/FIC-UFG, 2024.

MUSSI, R. F. De F., FLORES, F. F., ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Revista Práxis Educacional*. v.17, n. 48, p. 60-77, out/dez 2021. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/apraxis/v17n48/2178-2679-apraxis-17-48-60.pdf> . Acesso: jun. 2025. NEVES, L. F. F., STECCA, K., PEREIRA, S. C. S. Da notícia institucional à divulgação científica: a trajetória do Jornal UFG em 16 anos de existência. *JCOMAL* 5(02), 2022. Disponível em:

[https://jcomal.sissa.it/article/pubid/JCOMAL\\_0502\\_2022\\_A06/](https://jcomal.sissa.it/article/pubid/JCOMAL_0502_2022_A06/). Acesso: 18 jun. 2025

PACKER, A. L.; SANTOS, S. Ciência aberta e o novo modus operandi de comunicar pesquisa – Parte I [online]. *SciELO em Perspectiva*, [São Paulo, SP], 2019. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2019/08/01/ciencia-aberta-e-o-novo-modus-operandi-de-comunicar-pesquisa-parte-i/>. Acesso em: 02 abr. 2025.

PEREIRA, D. R. M. Os impactos da ciência aberta na divulgação científica. *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, SP, v. 40, n. 86, p. 69–86, 2022. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/943/678>. Acesso em 23 març. 2025.

REZENDE, Laura Vilela Rodrigues; DRUMOND, Larissa Bárbara Borges. Comunicando ciência: o uso das redes sociais públicas pelos periódicos científicos brasileiros da Área “Comunicação e Informação”. *RDBCi: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, SP, v. 21, n. 00, p. e023025, 2023. DOI: 10.20396/rdbci.v21i00.8672917. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8672917>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SALOMÃO, P. E. A.; SANTOS, A T. O. Evolução e desafios na avaliação científica: da classificação de periódicos à qualidade intrínseca dos artigos. *Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1–18, 2025. Disponível em: <https://revista.unipacto.com.br/index.php/multidisciplinar/article/view/3481>. Acesso em: 11 jun. 2025.

TÔZO, C. de O. *A práxis do jornalismo científico: a experiência do Jornal USP e de universidades públicas brasileiras no período pandêmico*. USP: Tese do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2024. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27164/tde-02072024-122634/publico/CarladeOliveiraTozocorrigidaPPGCOM7265815.pdf> . Acesso em: 8 out, 2025

TRAQUINA, N. *Teorias do jornalismo*. Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2012.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2001.